TUBO DE ENSAIO

arte no tempo

TEATRO AVEIRENSE

5 NOVEMBRO, 21H30
2026

ENSEMBLE INVƎRSPACE



COMPOSITORES

O. Omelchuk, J. Ricardo, M. Sforza, M. Lou

arte no tempo · GOETHE INSTITUT · REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA · dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES · ta teatro aveirense · Aveiro câmara municipal

PROGRAMA

Oxana Omelchuk (Bjaroza, 1975)
*Nocturnes** [2020] ca 16'

João Ricardo (Lisboa, 1993)
*OKAY. COMPUTER.*** [2026] ca 10'

Mateo Servián Sforza (Assunção, 1991)
*Yvapo'y*** [2026] ca 10'

Michelle Lou (San Diego, 1975)
*Near Distant** [2021] ca 22'

* estreia nacional
** estreia absoluta

Ensemble Inverspace
Susanne Peters > flautas
Patrick Stadler > saxofones
Clemens Hund-Göschel > piano e teclados
João Carlos Pacheco > percussão e electrónica

O Ensemble Inverspace apresenta-se pela primeira vez em Portugal, no Teatro Aveirense, a 5 de Novembro de 2026.

A convite da Arte no Tempo, o **Ensemble** apresenta-se pela primeira vez em Portugal, no Teatro Aveirense, a 5 de Novembro de 2026, com um programa composto por estreias: 3 estreias nacionais, de obras de **Raphaël Cendo** e **Oxana Omelchuk** e **Michelle Lou**, e 2 estreias absolutas, de obras compostas para o agrupamento pelos compositores seleccionados após chamada de propostas, **Mateo Servián Sforza** e **João Ricardo**.

TUBO DE ENSAIO

O '**Tubo de Ensaio**' é um projecto desenvolvido pela Arte no Tempo para o Teatro Aveirense, no âmbito do qual grupos estrangeiros dedicados à exploração da música contemporânea são convidados a apresentar-se em Aveiro, estando sempre associada ao concerto uma oficina com compositores e intérpretes e/ou uma simples conversa pós-concerto com o público. Entre os grupos que se têm apresentado em Aveiro no 'Tubo de Ensaio', desde 2020, encontramos os alemães **Ensemble Mosaik**, **hand werk**, **monopass**, **Trio Catch** e **Fabrik Quartet**, os austríacos **Schallfeld Ensemble** e **Between Feathers**, o britânico **Plus Minus Ensemble**, o espanhol **Vertixe Sonora**, o francês **soundinitiative** e os noruegueses **Ensemble neoN**, **duo Hellqvist/Amaral** e **asamisimasa**. Na temporada de 2026/27, os agrupamentos convidados são o suíço **Ensemble Inverspace** e o alemão **Ensemble S201**.

SOBRE O AGRUPAMENTO

O Ensemble Inverspace trabalha genuinamente empenhado em explorar a música contemporânea e experimental, com um espírito colaborativo. Os seus músicos dão prioridade a estreitas colaborações com os compositores, valorizando o processo criativo. Desde a sua criação, o grupo tem-se concentrado no potencial de uma fusão simbiótica de música electrónica e novas tecnologias de som com instrumentos acústicos. Entre os compositores que têm recebido encomendas do Ensemble Inverspace encontram-se Sarah Nemtsov, Oxana Omelchuk, Matthias Krüger, Georgia Koumarà, Raphaël Languillat, Leo Collin, Paul Clift, Sergej Maingardt, Michelle Lou e Jorge Sanchez-Chiong.
O grupo tem-se apresentado em digressão em França, Ucrânia, Rússia, Suíça, Alemanha, Bielorrússia, Malásia, Espanha e E.U.A., entre outros países, actuando em festivais e ciclos de concertos como Culturescapes (Basileia), Dialogues (Minsk), 2D2N (Odessa), Switch ON (Kuala Lumpur) Songlines (Orange, E.U.A.), M.A.R.S (Los Angeles), SMC (Lausanne), Musikpodium (Zurique) e Mostra Sonora Sueca (Espanha).
Os projectos iniciados nos últimos anos foram apoiados pela Fundação Ernst von Siemens, Music Fund, Impuls Neue Musik, Pro Helvetia e Fondation Nestlé pour l'Art, entre outros.

ensembleinverspace.com



Oxana Omelchuk (Bjaroza, 1975)
*Nocturnes** [2020] ca 10'
para flauta, saxofones soprano e tenor, bateria e piano

Enquanto escrevia esta peça, recebi notícias perturbadoras sobre os protestos que se seguiram às eleições fraudulentas no meu país de origem, a Bielorrússia, e à sua repressão brutal. Foi-me impossível ignorar estes acontecimentos chocantes e decidi incorporar na música, de forma transformada, as minhas impressões sobre o que tinha acontecido.
Recorrendo ao vocoder, um instrumento electrónico que tenho vindo a explorar nos últimos anos, procurei combinar os sons delicados de um movimento musical calmo e onírico com gravações áudio originais das ruas de Minsk, na noite de 10 de Agosto de 2020 — a noite em que ocorreu a escalada mais violenta da repressão.
Quis confrontar a perversidade do comportamento humano com o universo onírico do nocturno. Interessa-me a tensão entre estes dois mundos sonoros tão distintos: as suas contradições, o atrito entre ambos, mas também as formas como se sobrepõem e se entrelaçam.
Ao mesmo tempo, esta tentativa de colocar a arte e a realidade em confronto directo levanta-me questões sobre a legitimidade e a eficácia de uma abordagem documental deste género. De que forma podem o sofrimento e as crises do nosso tempo ser directamente reflectidos na música?

«Em última análise, a música permanece impotente perante os verdadeiros horrores da guerra, que nenhuma música alguma vez conseguiu impedir. Quem afirma o contrário está apenas a cumprir uma função de álibi, aliviando a sua própria sensação de impotência e a culpa que dela decorre.»
(Rainer Nonnenmann, Von der guten Verwirrung, sobre a obra de Nikolaus A. Huber)

Esta obra foi composta para e estreada pelo Ensemble Inverspace.

O. O.

João Ricardo (Lisboa, 1993)
OKAY, COMPUTER [2026] ca 9'
para flauta, saxofone soprano, bateria e piano

A base conceptual de *OKAY, COMPUTER* deriva da obra *I Will Not Make Any More Boring Art*, de John Baldessari, uma criação caracterizada pela reescrita constante do seu título.
Esta composição apresenta uma frase sintética, criada através de geradores de voz artificial, que repete incessantemente a afirmação «I Am Not A (F*cking) Machine» («Eu não sou uma máquina [de merda]»). As respostas musicais dadas pelo grupo instrumental constituem uma resposta à questão anteriormente colocada.
Para esse efeito, é utilizado um excerto caótico, obtido por amostragem, de *Also Sprach Zarathustra*, de Richard Strauss, cujas durações correspondem a uma transliteração da citação «Cogito, Ergo Sum» («Penso, logo existo»).
A peça distingue-se ainda por secções marcadas por uma atmosfera suspensa, nas quais a electrónica fixa transmite uma combinação de metrónomos, como se de quatro batimentos cardíacos simultâneos e distintos se tratasse. Cada músico segue o andamento prescrito pelo seu próprio metrónomo, criando assim uma ambiguidade temporal e rítmica, a par de uma dupla sensação de organicidade e artificialidade.

J. R.

Mateo Servián Sforza (Assunção, 1991)
Yvapo'y [2026] ca 10'
para flauta, saxofone alto, percussão e piano

Esta é uma peça que nasce de uma caixa de rufo: um instrumento que me acompanha há muito tempo e que se foi metamorfoseando ao longo dos anos.
Em tempos, a caixa representava, para mim, um simples gerador de possibilidades sonoras especiais, graças a uma posição de execução pouco convencional, em que o percussionista segura o instrumento verticalmente sobre o colo, de modo a poder actuar diretamente sobre as esteiras — algo impossível quando a caixa está colocada na sua posição habitual, sobre um suporte. O tempo, porém, levou-me a reconsiderar esta situação e, mais recentemente, comecei a reflectir sobre o contacto físico particular que esta posição invulgar proporciona, vendo agora nela quase um abraço entre o percussionista e o instrumento. Esta mudança de perspectiva estimulou-me a procurar uma qualidade cantante nos bordões, imaginando-os não apenas como uma espécie de «chocalho» metálico amplificado, mas também como uma harpa ou, talvez, até como uma voz.
A peça habita esta tensão, explorando os contrastes que coexistem numa pequena máquina que, gradualmente, mas com segurança, vai desdobrando uma canção imaginária. E, nesta tentativa de se tornar humana, a caixa encontra outras vozes que cantam, gritam, dançam e choram.

Yvapo'y (Ficus luschnathiana) é o nome, em guarani, de um tipo de figueira nativa da América do Sul. O nome poderá ser traduzido como «árvore cujo tronco é feito de raízes», numa alusão às características raízes aéreas, de grandes dimensões, que sustentam toda a árvore.

M. S.

Michelle Lou (San Diego, 1975)
Near Distant [2021] ca 22'
para flauta baixo, saxofone tenor, percussão, objectos, piano e electrónica

Na minha obra *Near Distant*, tanto as dimensões materiais como as imateriais do som assumem igual importância. O grupo funciona como um foco sonoro no espaço, enquanto a electrónica em tempo real pro-cessa subtilmente determinados momentos e gamas de frequências. Altifalantes cuidadosamente posicionados interagem com os seus equi-valentes fantasmagóricos, tornando perceptível a relação entre a estru-tura arquitectónica da composição e o espaço da performance. Deste modo, emerge na imaginação dos ouvintes um espaço invisível.
O próprio espaço torna-se um meio de exploração da natureza física do som. O som percorre os recantos mais distantes da sala. Os altifalantes são colocados ao longo das paredes, permitindo que o som nelas se reflicta. Um subwoofer está escondido sob o palco, fazendo com que as suas baixas frequências pareçam tornar-se parte do chão sob os músicos.
No interior do grupo, pequenos altifalantes Bluetooth, ligados a iPhones e aos respectivos microfones incorporados, captam as qualidades espectrais de determinados momentos sonoros. Gradualmente, estes sons desenvolvem-se em ciclos de realimentação acústica afinados.
Quero que os sons electrónicos sejam tão subtis e fantasmagóricos quanto possível. Deverá ser difícil perceber o que produz o som, de onde vem ou até mesmo se está realmente presente. Esta ideia relaciona-se com os gestos minimalistas do artista Fred Sandback. Está também ligada à experiência desorientadora de estar junto a uma das suas obras, na qual a nossa percepção do espaço se torna incerta. Somos convidados a experienciar a sala como um todo, com todas as suas contradições: interior e exterior, limites reais e imaginários.
O espaço físico onde o público está sentado parece estender-se para além dos seus próprios limites. Presenças imaginárias propagam-se na mente e fundem-se gradualmente numa única experiência, embora o corpo permaneça sentado no mesmo lugar.
O grupo mantém a sua presença física, coexistindo com um eco incorpóreo, ou fantasma, que apenas se revela em fragmentos. Os sons electrónicos entram no espaço, reflectem-se no seu interior e procuram traçar as geometrias da música. Tornam estas estruturas audíveis na imaginação do ouvinte, ao mesmo tempo que expressam as características acústicas da sala.

M. L.

SOBRE OS COMPOSITORES



João Ricardo (Lisboa, 1993) foi aluno particular de Luís Soldado e é, actualmente, doutorando na Universidade de Évora, sob orientação de Pedro Amaral. Participou em workshops e masterclasses com mentoria de compositores como Carlos Marecos, Jessie Marino, Sara Carvalho, Alastair White e Sérgio Azevedo, entre outros.
Foi compositor Residente com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras em 2022, e galardoado em concursos internacionais como o 6th Mauricio Kagel Composition Competition (2° prémio) ou a edição de 2022 do Concurso Internacional de Música Terras de Santiago (1° prémio). A sua música operática tem sido interpretada pela Inestética, Réptil, Quarteto Contratempus, e a sua música de câmara está incluída em álbuns como Novos Caminhos II, Oboé e Piano em Português, vol. 2, ou Motirõ.
Os seus textos académicos encontram-se em publicações como "Paisagens Sonoras em Expansão" e "New Approaches to Sound, Music, and Media", entre outras. Está afiliado no CESEM e colabora regularmente com a AREPO em edição musical.



Mateo Servián Sforza (Assunção, 1991) é um compositor paraguaio que, actualmente, frequenta o mestrado em composição no Conservatório de Fermo, sob orientação de Marco Momi, além de estudar com Aaron Cassidy na Hochschule für Musik, Theater und Medien Hannover, no âmbito do Programa Erasmus+.
Estudou composição com Mario Garuti, no Conservatório de Milão, e com Pierluigi Billone em aulas particulares, em Viena e

em vários seminários. Participou em masterclasses ministradas por Alberto Posadas, Salvatore Sciarrino, Sarah Nemtsov e Michael Maierhof. As suas composições têm sido apresentadas em importantes festivais de música contemporânea, como os Darmstädter Ferienkurse (Alemanha), o Festival Impuls em Graz (Áustria), o Festival Milano Musica e o Festival Mondi Sonori de Trento (Itália), a Trobada de Percussió em Pollença (Espanha), nas temporadas de concertos do Centro Cultural Recoleta (Argentina) e do Núcleo de Música Nueva de Montevidéu (Uruguai), no Festival MusicAhora em La Serena e no Festival de Música Contemporânea do Instituto de Música UC em Santiago (Chile), bem como nas Jornadas de Música Nueva em Assunção (Paraguai).
Trabalhou com agrupamentos como o Divertimento Ensemble, mdi, MotoContrario, PERCEUM, Auros e com solistas como Jonathan Chazan, Ramón Gardella, Matteo Savio e Silvia Cignoli, entre outros.
Recebeu o Prémio de Composição do Programa Ibermúsicas por duas vezes (nas edições de 2021 e 2022) e uma Menção Especial no Prémio Nacional de Música do Senado do Paraguai, em 2023.

mateoserviansforza.com

arte no tempo

PRÓXIMO
TUBO DE ENSAIO

TEATRO AVEIRENSE

18 FEVEREIRO, 21H30
SALA ESTÚDIO

ENSEMBLE S201



Arte no Tempo
Tel. 96 333 26 03
Email: geral@artenotempo.pt
www.artenotempo.pt